

EMIGRA O PRIMEIRO CEARENSE (*)

RAIMUNDO DE MENEZES

Quando, em fins de 1847 e começos de 48, Alencar deixa São Paulo, em férias do 2.º ano jurídico, e vai passar dois meses em Fortaleza, sente nascer-lhe, na ocasião, a idéia de aproveitar alguma lenda e tradição cearense numa grande obra literária.

Já aqui iniciara uma biografia do índio Camarão (o valente Poti e depois famoso Dom Antônio Felipe Camarão, da guerra holandesa), procurando provar que sua pátria é o Ceará, e não Pernambuco. Sua estuante mocidade, a heróica amizade que o liga ao destemido môço português de nome Martim Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, chefe dos índios do litoral, que habitava as margens do Acaraú, aliado dos portugueses, e as suas guerras contra o célebre Mel Rosado, pajé dos tabajaras da serra da Ibiapaba, encarniçado inimigo dos reinóis e amigo dos franceses, eis o fascinante tema que afinal descobre. Falta-lhe apenas, confessará, o perfume que derrama sôbre as paixões do homem a alma da mulher.

Uma noite, pelas alturas de 1861, quando se inicia como

(*) Gênese do romance *Iracema*, extraída do livro do escritor cearense Raimundo de Menezes, *José de Alencar*, da página 221 à 225.

deputado (“já meio descrido das coisas e mais dos homens”, desenganado do teatro e dos versos, que pensa engavetar como papéis velhos e relíquias autobiográficas), o seu primo Domingos Jaguaribe (147) lhe entra em casa e o encontra rabiscando o livro. Alencar supõe que o parente, a quem tanto estima, político da velha e da melhor têmpera, que tanto o ajudara na campanha eleitoral, pouco se preocupa com as coisas literárias, não por menosprêzo, sim por vocação. A conversa que tem então revela o engano do escritor. Descobre no parente um cultor e amigo da literatura amena. Juntos lêem trechos da obra iniciada, “que tinha, e ainda não as perdeu, pretensões a um poema”.

Trata-se de *Iracema* (que não é outra coisa, senão o anagrama de América), lenda de origem cearense, que vem compondo a pouco e pouco, nos seus vagares.

Martim Soares Moreno, herói do romance alencarino, fundador do Ceará, o môço guerreiro, “que tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas”, nascido em 1586, em Portugal, conta, no cálculo de Capistrano de Abreu, 17 ou 18 anos, quando desembarca no Brasil.

Em julho de 1603 (149) o paraibano Pêro Coelho, nobre capitão-mor, com 70 soldados e 200 índios frecheiros, e tendo Martim Soares como um dos seus cabos, parte para o Jaguaribe, em cuja foz funda a Nova Lisboa. Ao chegar ao Ceará encontra três barcos, com munições e mantimentos, que da Paraíba despachara. Entra logo em entendimento com os índios, obtendo promessa de levá-lo à Ibiapaba. Ao longo da costa vai indo, até a foz do Camocim, onde chega a 14 de janeiro de 1604, encaminhando-se no dia seguinte rumo ao sertão. Por pretender escravizar os índios, malogra, todavia, essa primeira expedição colonizadora do Ceará, em todo o caso explorado. É a Martim Soares Moreno, parte dela, que caberá, em futuro próximo, a colonização definitiva.

Por três vêzes retorna êle ao Jaguaribe, “cada vez confirmando mais a paz e amizade com Jacaúna, principal daquelas gentes, o qual lhe chamava de filho”. Por êsse

tempo, antes e depois, Martim Soares no Rio Grande prepara, pacificamente, sua investida no Ceará. Em breve, o Governado-Geral, D. Diogo de Menezes, opina pela criação da Capitania do Ceará, no Jaguaribe, designando Martim Soares para fundá-la. Contando com a amizade filial de Jacaúna, o chefe índio, irmão de Poti, o nôvo donatário convence o amigo a prestigá-lo com os seus índios. Instala o núcleo junto ao rio do mesmo nome. Ali lhe chega a notícia de que estrangeiros com um navio fundeado se encontram pouco adiante, no pôrto de Mucuripe. Resolve tomá-lo e repelir os intrusos.

.....

O Ceará está fundado. Edificada a ermida, S. Sebastião é escolhido como orago, porque teria sido, segundo o Barão de Studart, no dia 20 de janeiro de 1611, que “ao Seará chegou Martim Soares disposto a consolidar pazes com o gentio e a fundar uma povoação, tarefas de cujo desempenho em 1611 o encarregara Diogo de Menezes”.

Muda-se Jacaúna para as proximidades do recente povoado (hoje cidade de Fortaleza) a fim de protegê-lo contra os outros índios e os franceses que infestam as costas.

Alencar escolhe êsse episódio, cheio de tantas peripécias, da fundação do Ceará, para argumento histórico da lenda de Iracema: entusiasma-se com a figura guerreira de Martim Soares Moreno, que chega a mestre de campo e é um dos excelentes cabos portugueses que libertam o Brasil da invasão holandesa. E não tem dúvidas em propor que “o Ceará deve honrar sua memória como a de um varão prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado à foz do rio Jaguaribe não passou de uma tentativa frustrada”.

Lenda tão encantadora, que escuta quando criança, “à beira do fogo, à espera da ceia”, refere que uma índia chamada Iracema (nome composto de *ira*, mel, e *tembe*, lábios, ou seja, — na linguagem indígena — lábios de mel) se apaixona pelo guerreiro branco Martim. É uma estória que contam ao autor, “nas lindas várzeas, onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava

nos palmares”. Transformou-a num “livro cearense”. É “imaginado no Ceará, na limpidez desse céu de cristalino azul e depois vazado no coração cheio das recordações vivazes de uma imaginação virgem”.

Escreve-o para “ser lido na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rêde”.